

**GEMINIS**  
MOBILIDADE, TENDÊNCIAS E DESAFIOS NA ERA DIGITAL  
[M-CONTEÚDO]

# MOBILIDADE E ATIVISMO: NOVAS ESTRATÉGIAS NA LUTA CONTRA O ESTADO HEGEMÔNICO

**TARCISIO TORRES SILVA**

*Doutorando em Artes/ UNICAMP. PhD Visiting Student in  
Cultural Studies/Goldsmiths College.*

*E-mail: tartorres@gmail.com*

## **RESUMO**

O uso de dispositivos móveis tem sido uma das principais ferramentas nas ações ativistas que envolvem protestos e outros tipos de mobilização social pelo mundo. Seu uso ficou evidente com a freqüente exposição de imagens de manifestantes usando celulares para se comunicarem durante as ações que derrubaram chefes de Estado na Tunísia e no Egito no início do ano de 2011. Em outros locais onde há intenso controle do Estado sobre o acesso da população à informação, como em Cuba, esta tecnologia funciona como um apoio às práticas de resistência e também como uma alternativa ao acesso à informação.

Em ambos os casos, a mobilidade proporciona a renovação de estratégias de ataque desde sempre usadas em ações subversivas contra o Estado. Adicionam-se a ela a velocidade, a expansão geográfica das ações e a capacidade de persuasão das causas apresentadas por meio de estratégias diversas. A inteligência com que os dispositivos móveis vem sendo usados mostra uma nova condição que desafia o controle do Estado, muitas vezes ainda estruturado sob a ótica do poder centralizado.

**Palavras-Chave:** Estado, mobilidade, ativismo.

---

## **ABSTRACT**

The use of mobile devices has been a key strategy in activist events involving demonstrations and other kinds of social movements all over the world. Its utilization was evident in the media's repeated publication of pictures taken on demonstrators' mobile phones during the actions that have overthrown heads of State in Tunisia and Egypt in early 2011. In other countries where the State controls intensely the access of the population to information, like in Cuba, these technologies support practices of resistance and also work as an alternative to information access.

In both cases, mobility provides a regeneration of strategies of attack that have long been used in rebellious actions against the State. Other important contributions of these technologies are the speed at which information is shared, the increased geographical extension of the actions and its capacity of persuading the audience by means of different strategies. The intelligence by which mobile devices has been used shows a new condition that challenges the State control, many times still organized under the eyes of centralized power.

**Keywords:** State, mobility, activism.

## COMUNICAÇÃO EM REDE, PLURALISMO E EMERGÊNCIA

Em entrevista no site Mobile Active<sup>1</sup>, a ativista egípcia Noria Yunis comenta a maneira como os celulares já eram usados em protestos no Egito em 2007. Segundo ela, algumas características foram importantes para o sucesso de suas experiências com o uso da tecnologia. A primeira era o tamanho de sua rede. Em seu depoimento, ela afirma que estava diretamente ligada a muitas pessoas por meio de sua agenda de contatos do aparelho celular. Além disso, sua posição partidária era relativamente neutra, já que não era afiliada a nenhum partido. Tal fato possibilitou seu acesso a grupos com diferentes características ideológicas, o que favorecia maior união entre os grupos nas ações, como no caso dos “flash protests” citados por ela, em que os participantes apareciam em algum lugar determinado, realizavam a ação e depois se dispersavam. Finalmente, ela chama atenção para o caráter imediatista da informação disseminada. Era importante informar as pessoas no ato sobre o que estava acontecendo, para que pudessem se organizar e se precaver. (Yunis, 2007).

Nesta curta entrevista concedida, verificamos importantes papéis desempenhados pela tecnologia no favorecimento da organização política. Observamos três fatores que são constantemente citados como inerentes à organização social em redes de comunicação digital: a abrangência da **rede de contatos**, o **pluralismo** de vozes e a **urgência** das informações.

No caso da **rede de contatos**, notamos que nos recentes conflitos do nordeste da África houve grande dificuldade dos governos em localizar um núcleo central de onde teriam partido as primeiras negociações que dariam origem aos protestos. O início dos conflitos na Tunísia tem como ponto de partida a morte de Mohamed Bouazizi, um jovem desempregado que foi impedido de vender legumes nas ruas pela polícia por não ter licença para trabalhar e que função disso, numa resposta ao estado-limite em que se encontrava, ateou fogo em si mesmo. O ato, seguido pelas fortes imagens de seu corpo incendiado e mais tarde no hospital, foi o estopim para desencadear a onda de protestos

---

<sup>1</sup> <http://www.mobileactive.org>

num país fragilizado pela economia instável. Ferramentas tecnológicas diversas, como o Twitter e outras, foram amplamente usadas para melhor organizar os conflitos.

Já no caso do Egito, uma página criada no Facebook<sup>2</sup> em junho de 2010 foi considerada como o ponto central dos conflitos no país. Sua criação teve como ponto de partida os acontecimentos envolvendo o ativista egípcio Khaled Said, que foi agredido por policiais na porta de um cibercafé em Alexandria, no Egito. Após a dura agressão, o rapaz foi levado por um carro da polícia e mais tarde declarado como morto. Ele seria o suspeito de ter postado na internet um vídeo com policiais dividindo um montante em drogas apreendidas depois de uma operação. Em busca de justiça e visando o início de uma organização de resistência, a página no Facebook “Somos todos Khaled”, foi criada com o suporte de alguns ativistas, incluindo o executivo do Google Wael Ghuneim, que mais tarde foi considerado um dos heróis na revolução no país.

Apesar dessa tentativa de se identificar o ponto de partida dos protestos, o fato é que sua organização se deu em forma de uma grande rede, por meio da qual ocorriam os fluxos de informação. Sem clara noção da proporção que os protestos tomariam, os chefes de estado desses países viram-se acuados frente a um modelo de organização que se distancia de estruturas tradicionais de poder.

Castells (2009) afirma que o Estado-nação é apenas uma das possibilidades de operação de poderes na sociedade contemporânea. Desafiado por diferentes formas de poder que surgem com o capital globalizado, o Estado também vem perdendo o domínio sobre o fluxo de informações que circulam entre as redes de comunicação. O Wikileaks<sup>3</sup> aparece, neste caso, como o exemplo mais ilustrativo dessa falta de controle. O autor também afirma que a organização em redes não é uma prática que pode ser considerada nova. Ela está diretamente ligada à organização de diversas instituições ao longo da história da humanidade, como a Igreja, o Estado e o exército, funcionando como uma extensão do poder que ligada o centro à periferia. Porém, com as novas tecnologias de comunicação, sua organização ganha novos atores, novas formas e novos conteúdos no processo de organização social, com relativa autonomia com relação aos centros de poder. (Idem: 22).

O autor aponta também três características centrais das redes: a flexibilidade, a escalabilidade e a sobrevivência. A flexibilidade diz respeito à capacidade de reconfiguração dependendo das condições do ambiente; a escalabilidade refere-se à possibilidade de expansão ou diminuição com pouca ruptura; e a sobrevivência, que é a habilidade de operar por meio de uma série de configurações, dada sua característica não nuclear. (Idem:23).

<sup>2</sup> <http://www.facebook.com/ElShaheed>

<sup>3</sup> <http://213.251.145.96/>

Todas essas características foram cruciais no desenvolvimento dos conflitos do nordeste da África. Enquanto alguns líderes eram presos, outros davam continuidade ao fluxo de informações. Conforme os protestos ganhavam força, aumentava a pressão midiática sobre o que estava em jogo nos conflitos. Num campo evidente de luta de poderes, assistimos a um Estado apático e incapaz de responder diretamente às demandas que estavam sendo levantadas. O uso da violência, o pronunciamento de discursos autoritários e uma indiferença generalizada provocaram ainda mais a população insurgente. No Egito, o Estado atacou diretamente o cerne da questão. Bloqueou o acesso à internet, submeteu seu poder sobre as operadoras de telefonia celular, na tentativa desesperada de destruir o fluxo de comunicação e provocar a reação daqueles que ainda apoiavam o governo naquele momento.

Em sua entrevista, Nora Yunis menciona também o fato de não estar vinculada a nenhum partido político, estando aberta portanto a um debate **pluralista**. O fato é chave para entendermos negociações em grande escala, como nos conflitos citados. Esta sua condição mostra os desafios ao se refletir sobre o potencial das novas tecnologias sobre a mobilização social. No campo teórico, costuma-se pensar as conexões diversas proporcionadas pelos fluxos de informação na rede como um campo de amplas possibilidades, porém, deve-se lembrar que é também um campo de tensões e de constante negociação.

Há um degrau que separa a mobilização online da prática das ruas. Esse degrau é o campo da negociação, onde efetivamente ações devem ser tomadas. Nesse aspecto, entra o desafio do pluralismo proporcionado pela sociedade pós-moderna e evidenciado nos diversos sub-grupos que procuram evidenciar seu lugar na participação política. É necessário enfim um consenso mínimo para que algo concreto aconteça. Fendon (2006) defende a necessidade de se realizar alianças para que haja de fato um projeto político, de outra forma o pluralismo cultural pode virar-se contra si mesmo, perdendo-se na fragmentação. Segundo a autora:

The problem rests in the inevitable multiplicity of competing counter publics, each market by specific terms of exclusion (class, race, gender, etc.) yet each understanding itself as a nucleus for an alternative organization of society. The proliferation of subaltern counter-publics (...) does not necessarily lead to a multiplication of forces<sup>4</sup>. (FENDON, 2006: 231)

---

4 O problema está na multiplicidade inevitável de contra-públicos concorrentes, cada um marcado por termos específicos de exclusão (classe, raça, gênero, etc.) mas cada um entendendo a si mesmo como um núcleo para uma organização alternativa da sociedade. A proliferação de contra-públicos subalternos não necessariamente leva a uma multiplicação de forças. (tradução própria).

Assim, para entender a tecnologia móvel e o uso das redes sociais como elementos ativos na mobilização de grupos é necessário entender que o alcance e a velocidade do fluxo de informações proporcionados por essas ferramentas tem dois lados: ao mesmo tempo em que aumentam a quantidade de pessoas envolvidas em uma determinada causa, também proliferam o número de vozes, aumentando a complexidade das negociações. Fendon (op.cit.) entende que a saída para esse tipo de organização é a solidariedade e a busca de um comum entre todas essas vozes, de forma a se criar um projeto político único.

Finalmente, ainda na entrevista com a ativista egípcia, notamos a importância da **urgência** da informação que está sendo repassada. Existe um senso de utilidade muito presente nesses ambientes. Quando se trata da organização social nas ruas, não há dúvida da importância da comunicação móvel nesses casos. Ela entra tanto de forma receptiva (para aqueles que recebem a informação no calor dos acontecimentos, gerando melhor visualização de segurança e senso de localização), como de forma ativa, através da captação de conteúdos diretamente do centro dos movimentos. Um grande fluxo de informações é gerado dessa forma, com contribuições diversas dos participantes. O valor intrínseco dessas imagens é inegável, pois além do caráter emergencial, substituindo a grande mídia nas transmissões ao vivo onde ela não pode ou não quer estar, as imagens carregam alto valor simbólico, capazes de criar novos levantes de mobilização.

Esse valor da informação captada *in loco* já foi percebido e amplamente usado durante as manifestações no nordeste da África em 2011. Nas manifestações no Egito, foi aberto um centro de mídia no acampamento na praça Tahrir no Cairo a fim de recolher materiais produzidos pelos manifestantes. Nesta galeria aberta no Flickr (Egypt Revolution 2011<sup>5</sup>), cujas fotos foram recebidas pelo centro, percebe-se o teor presencial das fotos, com vários elementos indicando um tipo de assinatura, uma marca na participação dos eventos<sup>6</sup>.

5 <http://www.flickr.com/photos/ramyraoof/sets/72157625805754031/with/5401157289/>

6 Um novo aplicativo para aparelhos celulares foi lançado com o intuito de capturar a mesma intensidade presente nos conteúdos registrados *in loco*. No site Open Watch (<http://openwatch.net>), a proposta é alimentar o site com informações geradas por cidadãos que denunciem abusos de poder em qualquer instância. O aplicativo para o Android possibilita a gravação de áudio ou vídeo.



**Figura 1** - Praça Tahrir (Foto de Ramy Raof)

**Fonte:** <<http://www.flickr.com/photos/ramyraoof/5401157289/in/set-72157625805754031/>>.  
Acesso em 24 fev. 2011.

A importância da captação dessas imagens por aparelhos móveis também está no fato das mesmas serem importantes agentes disseminadores das causas defendidas. A exposição aos acontecimentos de forma direta provoca sentimentos diversos por parte da audiência, seja de alarme ou mesmo de mobilização, mas nunca de indiferença. Pensando no ambiente das redes e nos fluxos de informação, este poder inerente das imagens capturadas por dispositivos móveis, seu senso de emergência e de imediatismo pode ser um importante fator de mobilização, seja na forma de maior engajamento virtual ou ainda na efetiva participação nas manifestações.

Benkler (2002), ao levantar os aspectos que fazem com que as pessoas participem de projetos colaborativos, aponta três recompensas principais: a monetária (retorno financeiro do tempo gasto com a colaboração), a intrinsecamente hedônica (satisfação pessoal) e a sócio-psicológica (motivações sociais e psicológicas). Considerando a última em particular, há possíveis conexões que refletem o impacto das imagens sobre a motivação dos sujeitos em participar dos movimentos políticos. O autor a descreve como “a function of the cultural meaning associated with the act and may take the form of actual effect on social associations and status perception by others or on internal satisfaction from one’s social relations or the culturally determined meaning of one’s action”<sup>7</sup>. (BENKLER, 2002:59-60).

Assim, as imagens captadas pelos aparelhos móveis cumprem essa dupla função social. De um lado, o sujeito que registra as imagens para todo o mundo. Incorpora o elemento testemunhal ao gravar um momento que pode estar se tornando histórico. Além disso, o imediatismo dos acontecimentos faz com que seja importante haver uma

<sup>7</sup> Uma função do sentido cultural associada com o ato e que pode tomar a forma do efeito atual sobre as associações sociais e percepção de status por outros ou na satisfação interna de relações sociais ou o significado culturalmente determinado de uma ação. (tradução própria).

câmera constantemente ligada a fim de que não se perca nenhum acontecimento momentâneo, num sucessivo estado de alerta e vigilância. Nesse caso, entra novamente a função da comunicação em rede. Vários aparelhos ligados ao mesmo tempo fazem com que o evento esteja sendo registrado o tempo todo, por diferentes indivíduos, o que colabora para a sensação de continuidade.

Do outro lado, temos a audiência que interage com essas imagens. Recebe a mensagem e a interpreta de formas variadas, seja diretamente por meio da recepção digital ou de forma indireta, por meio da posterior reprodução dessas mensagens em canais de televisão ou em cartazes impressos nas ruas. A força das imagens contribui para o caráter sócio-psicológico da colaboração, desencadeando maior força do movimento através da disseminação dos conteúdos nas redes sociais e também pela participação efetiva nas ruas.

O prazer inerente a essa participação por meio da colaboração, empregando algum tempo no auxílio dos movimentos, é portanto potencializado em função dessas particularidades presentes nos dispositivos de comunicação móvel. O imediatismo, o senso de presença e a constante vigilância tornam a participação mais imediata, urgente. Algumas das estratégias observadas já vêm sendo há muito tempo empregadas no ativismo político, como o apelo emotivo do conteúdo audiovisual produzido, o discurso otimista e utópico ou ainda o choque e a violência como recursos estéticos. A diferença é que elas agora são otimizadas pela tecnologia e usadas com inteligência pelos ativistas, que vêm explorando o que parece mais funcionar nesses novos meios.

Além dos três fatores colocados pela ativista em sua entrevista, podemos apontar um quarto fator que contribui para o sucesso dos movimentos políticos: a **necessidade de mudança**, o que torna mais complexo o entendimento do uso da tecnologia, uma vez que o contexto histórico, econômico, político e cultural tem grande força para provocar a mobilização. Em Allen (2011) observamos o complexo emaranhado de forças presente no norte da África e no Oriente Médio. A necessidade de mudança está diretamente relacionada com o estado econômico dos países que ainda são mantidos sob ditaduras hegemônicas. O poder repressivo dos Estados e a falta de negociação entre facções também contribuem para resultados diversos. Portanto, apesar da disseminação de uma certa energia revolucionária nessas regiões, os resultados efetivos tendem a variar, mesmo com o forte auxílio de ferramentas de comunicação digital, que por sua vez também variam, no que diz respeito ao acesso da população e ao controle estatal. A malha de poderes é diversa e as tensões deles resultantes devem ser levadas em consideração caso a caso, considerando a tecnologia como um dos fatores influenciados no jogo político.

Os exemplos apontados até aqui mostram o impacto da tecnologia móvel nos

Estados onde o uso da tecnologia é relativamente aberto. Mas e quando existe o controle intenso e efetivo sobre o uso de tecnologias de comunicação digital? Quando um Estado evita a modernização tecnológica em seu território está diretamente procurando evitar esse aumento de tensões no jogo político. Impede a proliferação de vozes e procura manter o controle a partir de um discurso que insiste em ser único. É o que ainda acontece em Cuba. Em função da dificuldade de acesso à internet imposta pelo governo cubano aos seus cidadãos, a mobilidade se torna uma alternativa de organização, atualização e alerta à rede de blogueiros que, apesar disso, cresce no país e se sustenta por meio de uma ampla rede de colaboração dentro e fora dos limites de suas fronteiras.

### A TECNOLOGIA MÓVEL COMO SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

Em Cuba, o controle do Estado é facilitado pela dificuldade de acesso dos cubanos aos computadores e à internet. A tecnologia é ainda cara para os cidadãos do país, que precisam pagar em dólar para ter acesso à rede. Considerando que no ano de 2010 o salário médio de um cubano é de US\$ 20 e que a hora de uso da internet no país pode chegar a US\$ 7 nesses pontos<sup>8</sup>, fica praticamente impossível que um cubano consiga acesso por vias oficiais.

Mas a criatividade cubana, aliada ao fato de que a grande maioria das famílias tem parentes vivendo fora do país (o que significa que recebem ajuda no orçamento mensal em dólar ou em euro), faz com que aos poucos mais e mais cubanos tenham acesso à internet e dessa forma foi possível a criação de uma primeira comunidade de blogueiros no país, muitos dos quais podem ser localizados no site *Voces Cubanas*<sup>9</sup>.

Até pouco tempo atrás, os cubanos eram impedidos de usar a internet no país, que estava disponível somente aos turistas nos hotéis. Para publicar textos, era necessário muitas vezes se passassem por turistas para conseguir o acesso. Hoje os blogueiros independentes em Cuba escrevem, apesar das muitas dificuldades tecnológicas, seus pontos de vista sobre as ações repressivas do governo, a falta de liberdade de expressão e a necessidade urgente de mudança. Muitos ainda escrevem em computadores precários, salvam seus textos e procuram um meio para publicar o que escreveram. Como o acesso à internet é caro e restrito, a comunicação móvel torna-se uma alternativa.

A telefonia celular é uma tecnologia mais acessível aos cubanos e isso os tornam grandes usuários da mesma no país. Segundo Garcia (2010), os cubanos puderam ter uma linha de telefone móvel somente no ano de 2008, ainda que a preços proibitivos.

8 Dados da Associação dos Repórteres sem Fronteiras. Disponível em: < <http://en.rsf.org/internet-enemie-cuba,36678.html>>. Acesso em 03 nov. 2010.

9 <http://vocescubanas.com>

Desde então, os preços tem baixado e mais cubanos tem usado o serviço. No ano de 2010 havia na ilha cerca de 1,7 milhões de linhas móveis em uso. A utilização ainda é restrita, pouquíssimos cubanos acessam redes sociais por meio dos celulares e diversos serviços não funcionam no país.

Apesar desse fator impeditivo, a telefonia móvel vem auxiliando a construção de uma rede de comunicação bastante densa dentro e fora da ilha. Muitos blogueiros preparam seus textos e os enviam por meio de mensagens de texto para pessoas que estão fora do país e que irão mais tarde publicar os mesmos textos na internet. Além dos sites, os textos também correm pelas redes sociais e aplicativos gratuitos para celular (Figura 2).



**Figura 1** - Aplicativo do site Voces Cubanas: distribuição gratuita no site da Apple

Fonte: <<http://a1.phobos.apple.com/us/r1000/014/Purple/a2/3c/71/mzl.yzvbfp320x480-75.jpg>>. Acesso em 03 nov. 2010.

A comunicação móvel também auxilia no acesso à informação no país. Em diversos meios, os blogueiros pedem para que seus apoiadores pelo mundo enviem notícias para seus números de celular via SMS<sup>10</sup>. É uma forma de conseguirem ter acesso a outros tipos de informação que não as oficiais que circulam pelo país nos jornais e revistas oficiais. Há muito debate sobre a qualidade da informação que vem de fora da ilha (no que diz respeito ao seu teor subversivo e de cunho capitalista), o que torna a máquina estatal extremamente rígida no que diz respeito ao controle ao acesso à informação. O ponto de vista da imprensa oficial é parcial, promove uma discutível idéia de prosperidade e da união dos cidadãos na luta do país contra o capitalismo. Notícias internacionais são filtradas e seções que no resto do mundo são triviais, como moda, design e mercado, praticamente não existem na imprensa oficial do país.

O Estado cubano já identificou os principais blogueiros em atividade no país e

<sup>10</sup> Short Message Service (serviço de mensagens curtas)

mantém uma vigilância constante sobre suas ações. Vivendo sob esse cerco, a comunicação por mensagem de texto favorece também a melhor coordenação, tanto para a organização de encontros rápidos, alertas de perigo e informações sobre acontecimentos relevantes e urgentes. Como muitos acessam a internet raramente, o acesso aos textos acaba sendo mais ágil dessa forma também.

Dessa forma, cria-se uma rede de comunicação móvel difusa, ampla e inteligível. Analisando os acessos do blog *Desde La Habana*<sup>11</sup>, do jornalista independente Ivan Garcia e seus colaboradores, observamos que 20% dos acessos provêm dos EUA, seguido por 19,4% da Espanha e 11,2% da Itália. Os acessos em Cuba aparecem apenas em sétimo lugar, com 4,2% dos acessos. No total, 19 nações estão listadas nas estatísticas com pelo menos 1% dos acessos, o que mostra a força global de apoio a esses blogueiros. É por meio dessa rede que é possível notar uma visão mais abrangente por parte da geração de blogueiros em Cuba. O acesso à informação nesse caso tem forte papel de construção do senso crítico, uma vez que possuem mais elementos comparativos entre a situação de Cuba com o restante do mundo. Inevitavelmente, esse senso crítico favorecido pelas redes de comunicação digital transforma-se em crítica aberta aos poderes do Estado e à situação econômica do país.

Rheingold (2002) chama atenção para o caráter político e social do uso coletivo de tecnologias. Para ele, os indivíduos são capazes de coordenar ações mais inteligentes do que se o estivessem fazendo de forma isolada. Já Shirky (2009) enaltece a colaboração como grande responsável pelo alto impacto que algumas discussões sociais tiveram recentemente.

O que parece evidente para os dois autores é o poder proporcionado pela colaboração e pelos dispositivos de comunicação digital. No caso das redes de comunicação móvel, percebemos que elas auxiliam na melhora na organização e no acesso à informação, favorecem a propagação dos textos e idéias julgadas pelo governo como subversivas e, assim fazendo, minam o poder do Estado ao enfraquecer suas engrenagens de controle.

## CONCLUSÃO

Considerando os dois casos citados, poderíamos concluir de maneira precipitada que o levante cubano contra a ditadura ainda vigente do país pode não ter acontecido até o momento justamente em função do controle do Estado sobre os meios de comunicação digitais. Fazendo isso, estaríamos desconsiderando todo o passado histó-

---

11 <http://www.desdelahabana.net/>

rico do país que faz com que boa parte do povo cubano ainda valorize a revolução de 59 e seu louvor pelos heróis do país. Ainda, quando observamos outros casos citados por Allen (2011), como a Síria, observamos que outros fatores podem operar no sucesso de levantes democráticos. Neste caso, aparentemente o impacto das revoluções no norte da África foram menores. O autor explica que uma relativa aceitação popular do presidente e o forte aparelho de segurança do Estado impediram maiores organizações no país. Portanto, divisão política e repressão foram os maiores agentes impeditivos.

Em Cuba, os dois fatores também impõe forte influencia sobre a movimentação da população. Não há um consenso entre os cubanos sobre a necessidade de mudança. Esta parece ser uma demanda mais fortemente presente na camada mais jovem da população, a mesma que está criativamente tendo acesso aos recursos tecnológicos. Os cubanos têm clareza das deficiências do sistema em que vivem, mas a população se divide entre aqueles que ainda acreditam que os dias prometidos pela revolução ainda virão e aqueles desacreditados e sem esperança no sistema em que vivem. Nesse diálogo, deve existir, como nos coloca Fendon (2006), a necessidade de um projeto comum. Sem ele, não há alternativa, muito menos mudança.

A ameaça das tecnologias de comunicação móvel ao Estado está, portanto, muito mais atrelada à pré-existência de fatores que motivem os atores a fazerem uso de suas possibilidades. Em ambientes onde isto se observa, opera a mobilização, a emergência, a velocidade, a agilidade e a criatividade. De todas as formas, a tecnologia será usada como recurso potencializador na criação de alternativas. Porém, onde não há espaço para o jogo político central que parte da observação de alianças, a tecnologia serve apenas como meio de disseminação de diferenças e como um campo de um diálogo surdo de bits que não identificam entre si nada em comum, 0 e 1.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Paddy. Arab and Middle East revolt – an interactive map. **The Guardian**. 17 fev, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/interactive/2011/feb/17/arab-world-protests-bahrain-map?INTCMP=SRCH>>. Acesso em 01 mar. 2011.

BENKLER, Yochai. *Coase's Penguin, or, Linux and The Nature of the Firm*. **Yale Law Journal** 112, numero 3, 2002. Disponível em: <<http://www.benkler.org/CoasesPenguin.PDF>>. Acesso em 01 mar. 2011.

CAMPBELL, David. Thinking Images v.9: Egypt, revolution and the internet . **David Campbell**. 8 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.david-campbell.org/2011/02/08/thinking-images-v-9-egypt/>>. Acesso em 01 mar. 2011.

CASTELLS, Manuel. **Communication Power**. New York: Oxford University Press, 2009.

EGYPT: the camp that toppled a president. 11 fev. 2011. **BBC**. Disponível em: < <http://www.bbc.co.uk/news/world-12434787>>. Acesso em 24 fev. 2011.

GARCIA, Ivan. Celulares em Cuba, en la crista de la ola. **Desde la Habana**. 03 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.desdelahabana.net/?p=3510>>. Acesso em 26 ago. 2010.

FENDON, Natalie. Contesting Global Capital: New Media and the Role of a Social Imaginary. In: CAMMAERTS, Bart e CARPENTIER, Nico (org.). **Reclaiming the Media: Communication Rights and Democratic Media Roles**. Edinburgh: Intellect, 2006.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Multidão: guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

RHEINGOLD, Howard. **Smart mobs: the next social revolution**. Basic Books, 2002.

SHIRKY, Clay. **Here comes everybody**. England: Penguin Books, 2009.

SILVA, Tarcisio Torres. Experiências políticas em redes sociais: colaboração e ação social num mundo desengajado. **Revista Mediação**, v. 11, p. 11-23, 2010.

SUTTER, John D. The faces of Egypt's revolution 2.0. **CNN**. 21 fev. 2011. Disponível em: < <http://edition.cnn.com/2011/TECH/innovation/02/21/egypt.internet.revolution/index.html#>>. Acesso em 25 fev. 2011.

YUNIS, Noria. Interview with Noria Yunis. 10 out. 2007. **Mobile Active**. Disponível em: <<http://www.mobileactive.org/mobileactivism-egypt-NoriaYunis>>. Acesso em 24 fev. 2011. Entrevista concedida a Noel Hidalgo.

#### SITES VISITADOS

<http://www.elshaheed.co.uk>

<http://www.sandmonkey.org/>